

## Comentário ao filme “Luto como Mãe”, de Luis Carlos Nascimento

*Isabel Campanante*

A encomenda, entre aspas, foi um comentário breve ao filme. Sendo que não pode ser um comentário para quebrar o gelo; é antes um comentário para arrefecer, para acalmar, para ganhar tempo, para respirar e para depois conversarmos com quem fez o filme, com quem vive esta luta, quem todos os dias quer mudar o mundo.

Vou comentar enquanto elemento d’A Escola da Noite que acolhe com entusiasmo esta ante-estreia no Teatro da Cerca de São Bernardo porque, com o teatro que fazemos, também procuramos mudar o mundo, porque acreditamos nessa possibilidade que a arte tem — deve ter.

Não posso falar enquanto mãe, enquanto artista, enquanto activista ou crítica de cinema. Vou falar somente como cidadã, com uma convicção redobrada por este filme de que não fazer nada pela paz é não ser pela paz; não fazer nada pela vida é não ser pela vida... E isto porque estou cada vez mais convencida que culpados também somos nós, os que não nos manifestamos...O que é evidente no que a Elisabeth nos conta sobre uma mãe que percebe que se se tivesse manifestado até podia ter ajudado a que não continuasse a acontecer aos outros o que já lhe acontecera ela. Mas é claro que isto é um princípio. Mas são estes princípios que têm mudado a História com letra grande, e as nossas histórias com letra pequena: primeiro os comportamentos, depois as atitudes.

Não há no filme lágrimas, gritos, cadáveres. Necessariamente por opção; trata-se de uma forma de contrariar os sofrimentos legitimamente muito ruidosos que costumam ser seguidos pela passividade de imensos silêncios. E se é indiscutível a situação de extrema violência de uma mãe que perde um filho, uma irmã que perde um irmão, uma mulher que perde um marido, em condições como as que nos são apresentadas, é importante não banalizar esse conhecimento pela imagem desse acontecimento, e deixar de perseguir o sofrimento que permanece, as perguntas que ficam por responder, os culpados que ficam por deter.

É aliás curioso que as últimas vezes que me senti muito perturbada com filmes tenha sido, para além deste “Luto como Mãe”, também com o filme “Valsa com Bashir” (que recordava a invasão do Líbano nos anos 80), com ambos a terem a capacidade de mostrar que é importante reeducarmo-nos em relação ao que é a imagem da violência. Estes filmes indicam-nos um caminho para isso, são filmes em que mais do que ficção incómoda, temos a realidade a ser-nos (re)apresentada e a ser incómoda.

Porque num processo de crescente desprezo pela vida, aceitamos olhar para a violência quotidianamente banalizada, não só pelos media mas principalmente por nós, os consumidores desses media, e aceitamos sem a incomodidade que devia existir (e recordo as imagens da jovem iraniana, que têm uma indiscutível importância pela capacidade de despertar consciências que produzem, mas que simultaneamente adquirem uma escala quase obscena pelo número de vezes que são divulgadas e multiplicadas e que contudo não nos tiram o sono).

A partir de “Luto como Mãe”, e na recusa de um pacto com as várias violências, fica-nos o desafio de de vez em quando parar e olhar para aquilo que não nos está a ser mostrado. E é por isso que um movimento / documento / testemunho / filme como este nos incomoda também precisamente pelo que não mostra. Quase que a dizer-nos que não temos que ver, temos que fazer.